

## Uma poética da audiodescrição ou Retratos que se repetem na nossa História

\*Por Ju Brainer

A partir da consultoria de acessibilidade realizada no projeto de manutenção de Ailce Moreira fizemos o exercício de audiodescrever a fotografia produzida por mim da performance *Dor de Pierrot: 80 aos pedaços*, de Gardênia Coletto, apresentada na UFPE, durante a exposição Presente Passado Movimento: a dança de 80 pelo olhar do RecorDança, no ano de 2014<sup>1</sup>. Este trabalho teve como base o happening realizado por Bernot Sanches, *Dor de Pierrot* em 1984 nos corredores da Fundação Joaquim Nabuco do Derby.

Por ter sido a fotógrafa do trabalho de Gardênia Coletto, foi possível obter muitas informações que iam além da foto. No entanto, no processo de audiodescrição é necessário que as informações sobre a imagem sejam precisas e suficientes para uma construção imagética sem produzir excessos que confundam as pessoas cegas no momento de sua leitura.

Já no trabalho de Bernot, as informações são muito poucas e temos apenas algumas imagens que revelam a realização do happening e relatos orais de algumas pessoas sobre esse acontecimento na época.

Me pego pensando que a audiodescrição seria muito eficaz nesse caso, quer dizer, é como se, por haver poucas informações sobre o momento registrado, seja possível, de fato, ler a imagem, transmitindo para pessoas cegas apenas as informações necessárias para sua construção imagética.

Porém, ter ou não ter informações sobre os trabalhos analisados não impediu o reconhecimento de uma relação poética nas/e entre as duas imagens. Daí surgiu a ideia de usar a audiodescrição como uma forma de desenvolver essa análise. Assim, esse texto se destina não só às pessoas com deficiência visual, mas também às demais pessoas que tiverem interesse em acessar tais imagens a partir das palavras.

Adianto então que neste texto tomo a liberdade de fazer o que chamei de poética audiodescritiva. Quero dizer que a partir de uma visão da concretude da imagem desenvolvi também uma abstração que está contida em quem a vê ou em quem a ouve. Quer dizer, pelo meu olhar destaquei alguns símbolos nas duas fotografias, construindo uma leitura que mostra a conexão entre os dois trabalhos e seus possíveis significados. Mais adiante foi interessante observar que as fotos não se conectam apenas entre si, mas também com o nosso tempo. Esse texto então costura três tempos... 1984, 2015 e agora, 2022. São quase 40 anos que, através de informações, especialmente das imagens aqui referidas, se conectam contando um tanto sobre a História da Dança em Recife e a realidade de seus artistas em cada tempo.

Quero negritar que esse trabalho não se propõe a ser nem uma audiodescrição, tal como se exige nos termos de ações de acessibilidade, e nem uma análise da imagem em termos acadêmicos. Aqui, como já mencionado, uso a audiodescrição como uma metodologia para desenvolver um olhar poético sobre a imagem. Quer dizer, uso o processo

---

<sup>1</sup> A performance de Gardênia Coletto foi criada dentro da disciplina Historiografia da Dança do curso de graduação em Dança. O primeiro ano desse curso foi no ano de 2009 oportunizado pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o REUNI, instituído pelo Decreto Presidencial 6.096/2007, no primeiro ano do segundo mandato do governo Lula.

audiodescritivo como um recurso para desenvolver livremente uma visão sobre a memória da Dança de Pernambuco a partir do meu olhar de pesquisadora, fotógrafa e artista da contemporaneidade.

Foto 1 - Dor de Pierrot de Bernot Sanchez  
Fotografia de ....



O ano é 1984 e na foto em preto e branco, no lado direito, está o artista Bernot Sanchez. Ele está de perfil e olha para o horizonte a sua frente, veste roupas de tule branco<sup>2</sup>, rosto pintado de branco com uma lágrima de cor escura caindo do seu olho esquerdo, remontando a imagem do Pierrot, o palhaço triste da commedia dell'arte<sup>3</sup>. Sua mão direita está levantada até a altura da boca entreaberta também pintada de um tom escuro.

O título da obra já nos dá pistas do que o personagem em cena representa, o palhaço que sente a dor. Vemos então Bernot sendo observado por espectadores que se encontram em pé ao seu lado, o olhar de cada um é diferente, uns olham diretamente para sua face, outros para suas roupas, outros nem o olham. Olhares que podem variar desde o espanto até a curiosidade.

Não é possível reconhecer olhares de admiração ou alegria na imagem, o quadro provoca intensidade. O artista está muito perto do público e isso é nítido na reprodução imagética da realidade, quero dizer, o fotógrafo está muito perto do artista que está muito perto do público, portanto, no quadro, todos estão focados, o artista se destaca pelo seu trabalho e pelo seu figurino, mas não pelo seu lugar na cena. Nesse caso, Bernot tem o

---

<sup>2</sup> Tule é um tecido semi transparente e leve muito usado no figurino de bailarinos clássicos.

<sup>3</sup> **EXPLICAR O QUE É COMÉDIA DELLARTE**

mesmo “tamanho” de quem o observa, podendo ser comparado aos loucos que andam pelas ruas sozinhos gritando palavras e trajando esquisitices, no chão mesmo, sem palco.

O que revela a relação que o artista estabelece com quem o assiste, ela é íntima, quase como se todos fizessem parte da cena, como se os olhares fossem parte do trabalho. O Pierrot chora e sua lágrima escorre pela face enquanto as pessoas o fitam, o observam intimamente, chorando.

A lágrima provoca os olhares ou os olhares provocam a lágrima. Uma imagem é uma quadro congelado em duas dimensões, mas o olhar de Bernot fixo em direção ao horizonte, todo o espaço a sua frente e o corredor de pessoas que o observa denota movimento, trajetória, caminhada que vai em direção a... A algo que não se mostra, não existe ou não se vê.



O ano é 2015, a foto é colorida e mostra a bailarina Gardênia Coletto no lado direito da imagem, tem a face pintada de branca e a boca, aberta, como em formato de “O”, está pintada com uma cor escura. Seus olhos estão entreabertos. Ela veste uma calcinha preta de cintura alta, o resto corpo está nu e molhado, seus cabelos estão soltos, são pretos e cacheados e caem sobre sua testa. Ela está de pernas dobradas, os joelhos quase tocam o chão, mas seu corpo se projeta para trás e seus braços estão levantados com as mãos abertas em garra. Ao fundo da imagem vemos uma parede de cor preta com frases escritas de giz, entre elas é possível ler alguns trechos: “fazer a Associação para bailarino deixar de ser bicha”, “simplesmente dance”, “vão desde a pauta no teatro até a escassez de recursos para montar os espetáculos”, “não é pago como deveria”...

Do lado esquerdo da imagem um grupo de pessoas muito próximas umas das outras, observam a cena. Cerca de cinco pessoas diferem o olhar sobre o momento. Mas nenhuma observa com admiração ou alegria, uma desvia o olhar para o lado, por cima do ombro, outra pessoa está de olhos fechados, outras olham de fato para a artista.



A queda não acontece, mas o corpo quase nu e encharcado desse personagem com a face branca transmite vulnerabilidade.

Mais uma vez o título da obra apresentada nos dá indícios, “80 aos pedaços”, um década fragmentada, mas, pelo quê? Como já sabemos as duas obras das imagens estão conectadas. Em ambas o Pierrot está presente e através desse símbolo podemos reconhecer mais informações que estão contidas nos trabalhos realizados e conseqüentemente nas imagens. Será essa a fragmentação? As informações não organizadas que remontam o período? Bom, o Pierrot, conhecido como aquele que teve seu amor não correspondido, também tem como característica principal o seu comportamento ingênuo, é visto como um bobo, sendo sempre o alvo de partidas e ainda assim continua a confiar nas pessoas. O Pierrot também é apresentado como sendo um lunático, distante e inconsciente da realidade. Penso outra vez nos pedaços do título, o que está em pedaços, a Dança na década de 80, o artista ou as informações a respeito dos dois? Sem poder afirmar uma coisa ou outra fico com os questionamento sobre esses pedaços assim como os pedaços de cada frase impressa na parede de fundo da imagem.

Não é possível afirmar que Bernot Sanchez queria trazer essas características para o seu personagem no happening, inclusive porque o Pierrot carrega muitas outras características referentes ao seu arquétipo. Ainda assim consigo enxergar esse lugar nos dois trabalhos, como o artista, que insiste na sua prática ainda que ela não seja valorizada, que em pedaços, chorando e mesmo diante do olhar não acolhedor de espectadores, está ali exercendo a sua forma de expressão possível no mundo.

Uma das frases escritas na parede da apresentação de Gardênia, que foi dita por Zdenek Hampl<sup>4</sup>, contemporâneo a Bernot - aproveito para escrevê-la inteira aqui - “A gente tentou fazer a Associação<sup>5</sup> para bailarino deixar de ser bicha e bailarina deixar de ser puta”<sup>6</sup>. Os tempos mudaram e os conceitos da frase foram ressignificados, atualmente eles podem ser usados como símbolo de empoderamento e não de ofensa. Ainda assim é possível compreender o que Zdenek quis dizer, ele enfatiza a condição dos artistas da época, como eram vistos e tratados pelas pessoas e desvalorizados ou até desconsiderados pelo poder público como profissionais.

Mesmo que o processo de profissionalização da Dança no Recife tenha se dado de forma descontinuada, como afirma Liana Gesteira (2013?), a Associação de Dança do Recife é considerada como parte integrante desse processo. Desde a abertura política pós ditadura, os movimentos artísticos no país e em Recife, nesse caso, passam a ser cada vez maiores, culminando numa participação efetiva da sociedade civil nas plataformas de políticas públicas para a arte. Fortalecendo a produção cultural e também a seus agentes, dando origem, com apoio do governo federal, a cursos em áreas artísticas tais como Cinema e Dança.

---

<sup>4</sup> Zdenek Hampl foi um bailarino da Tcheco- Eslováquia que chegou ao Brasil e destacou-se no cenário artístico como coreógrafo e bailarino de sapateado, com trabalhos no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, nas décadas de 70 e 80.

<sup>5</sup> “Criada em 1982, a Associação de Dança do Recife foi resultado da mobilização de artistas que integraram o elenco do espetáculo Capataz de Salema, de mesmo ano. A ADR foi um órgão com todos os requisitos legais necessários para sua atuação. O seu objetivo era garantir os direitos do profissional de dança, buscando meios de viabilizar espetáculos e oferecer condições de trabalho para a classe. A entidade, que atuou na cidade até 1985, foi responsável por uma intensa produção de espetáculos durante suas atividades.” Citação retirada do artigo “*Associação de Dança do Recife: instante de emergência e de construção de permanência de uma cena profissional*” de Liana Gesteira Costa.

<sup>6</sup> Entrevista com Zdenek Hampl. Data 27/09/2003. Local: Boteco do Mercado da Encruzilhada. Entrevistadoras: Liana Gesteira e Valéria Vicente. Projeto?

Avançamos para 2015, ano de apresentação da performance de Gardênia Coletto, quando a cultura no país ainda passava por uma fase de apoio da política pública nacional. As melhorias geraram mudanças mas não impediam que artistas ainda se identificassem com a batalha de cada dia para se manter na área encarada de forma muito mais difícil pelos seus antepassados. Podemos imaginar então que Dor de Pierrot: 80 aos pedaços foi uma forma de reconhecer o caminho trilhado pelos artistas do passado mas também uma performance com caráter de discussão sobre as (ainda) necessidades de melhorias para a classe artística.

Infelizmente, no ano seguinte a mudança de governo desestabilizou os planos culturais que haviam sido elaborados durante os 15 anos de governo anteriores e desde então vemos o desmonte da política pública nacional da cultura.

*“Aqui, ciclos se resumem simplesmente, troca de governo, e pra ser bonitinho, muda as regras, enquanto esses anos de governo bailarino se criou, bailarino não se cria em pouco tempo, mudou o governo, bailarino, ‘ah, vou para São Paulo, para China, para qualquer lugar’. Porque muda o jogo o tempo todo. Na Europa o jogo não muda há séculos, não muda já porque o pessoal não sobrevive, cultura é a única coisa que segura aqueles povos durante guerras, massacres e tudo mais, sobreviveu porquê? Porque tinha cultura e essa não se mata, se mata pessoas não a cultura” (Zdenek Hampl, 2008)<sup>7</sup>*

Zdenek retrata na sua fala o que aconteceu com vários bailarinos na cidade. Em 1979 Bernot se queixava nos jornais das condições precárias oferecidas aos bailarinos da cidade e em 1981 vai para São Paulo a convite de uma companhia de Dança da cidade, mesmo lá o bailarino reconhece que a situação não é fácil, afirma que a dedicação é total, mas que os salários são baixos. De volta a Recife, em 1983, cria e apresenta o seu happening no ano de 1984, Dor de Pierrot<sup>8</sup>.

Em uma afirmação quase profética, Zdenek acerta. As mudanças de governo seguiram para pior, em várias áreas, educação, saúde e cultura, que ainda insistimos em não estabelecer como prioridade tal qual Zdenek afirma que acontece na Europa. Agora, em 2022, “a coisa vai de mal a pior”, como disse Bernot em entrevista. Em primeiro de janeiro de 2019 o Ministério da Cultura, criado em 1985, período de retomada da democracia, foi extinto pelo atual governo<sup>9</sup>.

Quer dizer, se tornando uma secretaria dentro de outro Ministério a situação da cultura e dos seus trabalhadores obviamente decaiu, iniciando uma onda de desemprego que até hoje ainda cresce entre todas as profissões. Além disso, os principais fundos de financiamento tiveram grande parte do investimento federal reduzido ou também extintos, eliminando assim um retorno econômico ao país. Em 2020 assola a pandemia em todo o mundo e diante desse quadro a situação de todos e ainda mais para os artistas, piora mais e mais. Aqueles que viviam de apresentações públicas e não podiam mais se apresentar devido ao isolamento social (que assegurava a não transmissão do vírus mas foi pouco incentivado pelo governo federal), passaram a ter suas necessidades básicas negadas e o presidente Bolsonaro ainda vetou o auxílio emergencial para algumas categorias, entre elas do/as artistas.

Diante disso, inúmeros coletivos se articularam pelo Brasil para dar conta de amparar trabalhadoras/es de diversos segmentos artísticos e acenderam o debate que culminou na

---

<sup>7</sup> Zdenek Hampl encontros no recife pe001627000401 480p.

<sup>8</sup> jornais do acervo, [coloco cada um?](#)

<sup>9</sup> Para conhecer melhor o que aconteceu com o Ministério da Cultura ler o texto no seguinte link: <https://br.boell.org/pt-br/2021/04/01/politica-e-cultura-no-governo-bolsonaro-quais-disputas-estao-em-xeque>

criação da Lei Aldir Blanc. Só no final do ano de 2020 foi possível para uma parcela dos artistas serem contemplados com os benefícios desta lei.

Neste momento a classe artística se encontra em recuperação diante das atrocidades do atual governo e das dificuldades ainda maiores trazidas com a COVID 19. Ainda nos sentimos como o Pierrot apaixonado, mas que agora não vive só chorando e sim se articulando e buscando de volta tudo que já havia sido conquistado e mais. Porém ainda estamos muito longe de não se reconhecer nesse personagem. Ainda estabelecemos com ele uma relação quase autobiográfica, estando longe de ser apenas um personagem a ser interpretado por sua construção complexa. Sentimos ainda a sua dor, a dor que Bernot nos mostrou.